

Fernanda Bastos. *Selfie-purpurina*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2022. 72 p.

“Carnaval não é todo dia” (BASTOS, 2022, p. 12) é o verso que termina o primeiro poema do livro *Selfie-purpurina*, mais recente publicação de Fernanda Bastos. A autora já publicou os livros *Dessa Cor* e *Eu Vou Piorar*, ambos pela Editora Figura de Linguagem. *Selfie-purpurina* é um livro de festas e memórias negras publicado pela Editora Peirópolis na Coleção Madrinha Lua. A edição apresenta um belíssimo prefácio da escritora Cidinha da Silva e um posfácio de Ana Elisa Ribeiro que comenta as propostas editoriais da coleção e traça um tanto dos caminhos entre a editora e a poeta Fernanda Bastos.

“Carnaval não é todo dia”, mas deveria ser. Pois ser carnaval é, nesse livro, falar e aprender sobre a cultura negra no Brasil. Como diz o poema “a voz do meu vô – parte I”:

*No tempo que nasci  
Se aprendia mais de África  
Na quadra  
Do que no curso normal  
que eu concluí* (BASTOS, 2022, p. 15).

*Selfie-purpurina* é uma composição lírica que nos apresenta breves enredos de uma família negra que viveu carnavais. Como escreve Cidinha da Silva no prefácio “O corpo em festa”, Fernanda Bastos nos lança em abismos por meio das sínteses (SILVA, 2022, p. 8). Cada micro apontamento da história de um avô, de uma mãe, de uma tia, vai construindo um eu lírico social que abre chaves de diálogos sobre temas como memória, oralidade e identidade negra. Como é exemplo o poema “a voz do meu vô – parte II”:

*Sempre havia um enredo  
Com uma ala africana  
Memória de uma origem  
Homenagem de força guerreira  
De soldados e rainhas  
Para salvar mães afro-brasileiras* (BASTOS, 2022, p. 16).

Em *Selfie-purpurina* a memória de África é majestosa, é referência a uma origem de rainhas guerreiras “para salvar mães afro-brasileiras” (BASTOS, 2022, p. 16). É a história sendo tomada a partir do positivar de uma cultura ancestral. Como belamente escreveu Cidinha da Silva, “Fernanda Bastos bebe das águas da ancestralidade para compor este poemário com ritmo, cadência e memória” (SILVA, 2022, p. 8).

O poema “a voz do meu vô – parte II” desenha uma conjugação de entradas e saídas entre Brasil e África. Em associação ao continente africano, as palavras: origem, homenagem, força guerreira, soldados e rainhas; em associação ao Brasil, as palavras: salvar, mães e afro-brasileiras estabelecem uma ponte. Lá, um começo glorioso; aqui, uma luta por sobrevivência. O verbo salvar conectado a mães afro-brasileiras instaura o clima do lutar para salvar uma ancestralidade, visto que a palavra mãe intensifica o campo semântico da palavra origem, distendida ainda mais em relação à África com o prefixo afro.

Cada parte de um poema merece atenção e estudo. E os poemas de Fernanda Bastos sempre se apresentam em dobras a serem analisadas. Nesse livro, os versos dizem do trabalho semântico de composição de uma ideia. Por exemplo, no poema “freela”, nos versos em destaque, se pode observar a composição da estrutura de uma festa de carnaval a partir de um recorte de classe, dentro do já posto recorte de questões de raça que o livro apresenta:

*a tia Ana das baianas cozinheira da escola  
o passista Joãozinho joga bola  
Luís é entregador  
mestre-sala também já foi  
motorista e vendedor* (BASTOS, 2022, p. 24).

Como a última estrofe do poema “batecum”, em que a sequência dos versos nos leva a registros de uma história colonial:

*De Angola até as Charqueadas  
do cativo  
da senzala  
do terreiro nagô  
comunicou  
nosso chamado  
bate tocador  
tambor sopapo* (BASTOS, 2022, p. 26).

Embora sintéticos, são vastos os poemas de *Selfie-purpurina*, na alegria que trazem ao referenciar países como Angola, Etiópia, ou ao mencionar a cultura nagô, ou as personalidades de Lima Barreto e Lupicínio Rodrigues. E nessa perspectiva esse é um livro acertado para o momento contemporâneo das publicações literárias. É uma obra rica em construções estéticas que dialogam com uma memória nacional brasileira que precisa tanto e urgentemente ser complexificada.

Um ponto que não se pode deixar de apontar são as cadências orais desenvolvidas em alguns poemas. Exemplo, o poema “tamboricando”, nos versos:

*tá ca te ca tá te  
tá ca te cá tá  
tamborim luziu  
tia Jô vai passar  
(...)  
tu ca lá cá tu ca  
o repique exige* (BASTOS, 2022, p. 35).

O repique de cada sílaba quase exige que para ler esse poema se comece a bater. Exercita uma expansão da linguagem poética para uma leitura bem ritmada. Em mais essa publicação, os poemas de Fernanda Bastos são exigentes com suas e seus leitores. Mas são generosos na perspectiva do apresentar um “balé negro” (BASTOS, 2022, p. 21) com o qual podemos ver melhor um retrato de um carnaval afro-brasileiro.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, Fernanda. *Dessa cor*. Porto Alegre: Figura de Linguagem, 2018.
- BASTOS, Fernanda. *Eu vou piorar*. Porto Alegre: Figura de Linguagem, 2020.
- BASTOS, Fernanda. *Selfie-purpurina*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2022.
- SILVA, Cidinha. O corpo em festa. In: BASTOS, Fernanda. *Selfie-purpurina*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2022.

**Luciany Aparecida Alves Santos**

Escritora

Doutora em Letras pela UFPB